

SEM FINS LUCRATIVOS: POR QUE A DEMOCRACIA PRECISA DAS HUMANIDADES

NOT FOR PROFIT: WHY DEMOCRACY NEEDS THE HUMANITIES

SIN FINES DE LUCRO. POR QUÉ LA DEMOCRACIA NECESITA DE LAS HUMANIDADES

Michel MENDES¹

RESUMO: Em sua obra “Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades”, Martha Nussbaum apresenta um manifesto a favor da defesa das humanidades e das artes para a constituição da democracia e para a formação de cidadãos democráticos. Esses seriam capazes de pensar criticamente a partir do diálogo e da argumentação socrática (rompendo com às subordinações do capital e com a lógica mercadológica na área da educação); de desenvolver uma cidadania universal, isto é, aproximar-se de diferentes culturas, saberes e valores de tal maneira a dialogar e compreender diferentes compreensões através de múltiplas perspectivas interculturais; e a imaginação narrativa que é capacidade como deve ser se encontrar no lugar de uma pessoa diferente de nós. Em vista disso, Nussbaum pontua o avanço da dinâmica mercantil na educação, em que a valorização de uma formação destinada ao crescimento econômico silencia a necessidade de uma formação humana, sendo essa, não somente, mas em essência, responsável pela formação de cidadãos democráticos.

Palavras-chave: Democracia. Humanidades. Educação para a democracia.

ABSTRACT: *In her work “Not for profit: why democracy needs the humanities”, Martha Nussbaum presents a manifesto in favor of the defense of the humanities and the arts for the constitution of democracy and for the formation of democratic citizens. These would be able to think critically from the Socratic dialogue and argumentation (breaking with the subordinations of capital and with the marketing logic in the area of education); to develop universal citizenship, that is, to approach different cultures, knowledge and values in such a way as to dialogue and understand different understandings through multiple intercultural perspectives; and the narrative imagination, which is the ability to be in the place of someone different from us. In view of this, Nussbaum points to the advancement of market dynamics in education, in which the valorization of training aimed at economic growth silences the need for human training, which is not only, but in essence, responsible for the formation of democratic citizens.*

Keywords: *Democracy. Humanities. Education for democracy.*

RESUMEN: *En su obra “Sin fines de lucro: por qué la democracia necesita las humanidades”, Martha Nussbaum presenta un manifiesto a favor de la defensa de las humanidades y las artes para la constitución de la democracia y la formación de ciudadanos democráticos. Estos serían capaces de pensar críticamente desde el diálogo*

¹ Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS); Especialista (MBA) em Gestão do Ensino Superior (UCS); Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas (UCS). Professor do Departamento de Educação em Ciências do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0394-8086>. E-mail: michel.mendes@ufg.br

y la argumentación socráticos (rompiendo con las subordinaciones del capital y con la lógica del marketing en el ámbito educativo); desarrollar la ciudadanía universal, es decir, acercarse a las diferentes culturas, saberes y valores de tal manera que dialoguen y comprendan diferentes entendimientos a través de múltiples perspectivas interculturales; y la imaginación narrativa, que es la capacidad de estar en el lugar de alguien diferente a nosotros. Ante esto, Nussbaum apunta al avance de las dinámicas de mercado en educación, en las que la valorización de la formación orientada al crecimiento económico silencia la necesidad de la formación humana, que no solo, sino en esencia, es responsable de la formación de ciudadanos democráticos.

Palabras clave: Democracia. Humanidades. Educación para la democracia.

Resenha

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos:** por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

Para que mundo os jovens estão sendo preparados? Será que a cidadania global realmente precisa das humanidades? O respeito, a igualdade, a empatia, a arte e as humanidades possuem espaço na submissão da educação ao lucro? Como uma crise silenciosa, comparada a um câncer, pode levar à sociedade global ao colapso democrático? Os questionamentos que ilustram a abertura desta resenha permeiam os sete capítulos do manifesto da autora, o qual possui 153 páginas. São impactantes e contundentes as afirmações, inquietações e provocações realizadas por Martha Nussbaum em sua obra – *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*.

Nussbaum é professora emérita de Direito e Ética da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, tendo lecionado também em Harvard, Brown e Oxford. Na obra, a autora explora exemplos de países em que possui ampla experiência de atuação profissional, como nos Estados Unidos, local em que vive e ensina, e na Índia, onde desenvolveu trabalhos de desenvolvimento global, alguns em parceria com o Prêmio Nobel de Economia, Amartya Sen. É conhecida por suas pesquisas na área dos estudos clássicos, passando também por estudos literários, filosóficos, além de debates contemporâneos que envolvam questões éticas e políticas.

O lançamento da obra foi um movimento explícito de intervenção na política educacional adotada pelo governo de Barack Obama. Suas experiências e, conseqüentemente, seus pontos de vista embasam as comparações que a autora faz em relação à “[...] uma educação voltada para o lucro e uma educação voltada para um tipo mais inclusivo de cidadania” (NUSSBAUM, 2015, p. 8). Defende um sistema educacional mais “generalista”, trazendo para o debate a educação socrática, fundamentos

do educador indiano Tagore e caminhadas pelas ideias de respeitados e distintos autores, como Rousseau, Dewey, Froebel, Pestalozzi, Alcott, Montessori, Mann e outros.

Ao longo de sua apresentação, Nussbaum constrói argumentos que demonstram o papel das artes e das humanidades em todos os estágios de ensino, passando da educação básica ao ensino superior, refletindo-se, assim, na vida em sociedade, na formação do cidadão do mundo. Desse modo, reforça a autora, “um modo de avaliar qualquer sistema educacional é perguntar quão bem ele prepara os jovens para viver numa forma de organização social e política” (NUSSBAUM, 2015, p. 11).

A submissão da educação ao livre jogo de mercado tem levado muitos países a investirem em uma educação, puramente, técnico-científica, a formatarem ainda mais os currículos escolares e acadêmicos às indústrias. Nesse sentido, amplia Nussbaum: “obcecados pelo PNB, os países – e seus sistemas de educação – estão descartando [...] competências indispensáveis para manter viva a democracia. Se essa tendência prosseguir, todos os países logo estarão produzindo gerações de máquinas lucrativas [...]” (NUSSBAUM, 2015, p. 4).

Partindo dessa exploração inicial, apresentam-se os capítulos que compõem a obra. No capítulo 1 – *A crise silenciosa* – a ênfase recai sobre a crise que o sistema educacional está enfrentando, algo semelhante a um “câncer” que, segundo a autora, vai destruindo-o aos poucos. O impacto dessa “doença” pode não ser a morte do sistema educacional, mas sim a perda da democracia e a instauração de uma crise mundial da educação.

Os passos orquestrados pelos líderes globais ao promoverem uma educação não humana, mas técnico-científica, revela a busca por bens que protegem, consolam e satisfazem os desejos capitalistas, também chamado por Tagore de “cobertura” material. Rabindranath Tagore, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, em 1913, foi um importante inovador da educação, tendo forte impacto na organização educacional da Índia e utilizado como figura para ilustrar conquistas no campo da educação.

No entanto, a formação técnico-científica não é totalmente condenada pela autora. Sua crítica situa-se na sobreposição de valores e competências que muitas vezes são “apagadas” pelo incentivo a essa formação, como aqueles ligadas às humanidades e às artes “[...] a capacidade de pensar criticamente; a capacidade de transcender os compromissos locais e abordar as questões mundiais como um cidadão do mundo; e, por fim, a capacidade de imaginar, com empatia, a situação difícil em que o outro se encontra” (NUSSBAUM, 2015, p. 8). Contudo, a ciência e as ciências sociais, especialmente a

economia (embora não estejam ameaçadas como as humanidades), são determinantes para a formação dos cidadãos, pois quando exercidas em seu mais alto nível possuem o que a autora chama de “espírito das humanidades”, isto é, “a busca do raciocínio crítico, das ideias ousadas, da compreensão empática das diferentes experiências humanas e da compreensão da complexidade do mundo em que vivemos” (NUSSBAUM, 2015, p. 8-9). A argumentação da autora em relação a essas disciplinas considera que elas não estejam em oposição às humanidades e às artes, mas sim em união, constituindo um campo educacional favorável ao seu desenvolvimento interligado, sem que aspectos ligados ao desenvolvimento da ciência e da economia ocupem espaços mais expressivos na educação em prol do crescimento econômico.

O capítulo 2 – *Educação para o lucro, educação para a democracia* – condena a base de formação do modelo de desenvolvimento econômico que avalia o crescimento/progresso como traço de qualidade de vida. Portanto, ao considerar esse modelo como representação de progresso, perdas importantes na democracia ocorrem: “esqueça a igualdade distributiva e social, esqueça os pré-requisitos necessários de uma democracia estável, esqueça a qualidade das relações raciais e de gênero, esqueça o aperfeiçoamento de outros aspectos da qualidade de vida do ser humano [...]” (NUSSBAUM, 2015, p. 14), que não estejam vinculadas ao crescimento econômico.

Em vista disso, Nussbaum alerta que os avanços (em relação aos investimentos e as conquistas) no campo da saúde, da liberdade política e da educação interferem de modo muito superficial no crescimento econômico. Dessa forma, “[...] produzir crescimento econômico não significa produzir democracia” (NUSSBAUM, 2015, p. 15), pois esse modelo deixa claro que sua luta está relacionada ao produto interno bruto per capita, critério utilizado por economistas para indicar qualidade de vida de sua nação.

Ao submeter o sistema educacional ao mercado, as universidades acabam baseando-se no “modelo do assunto único”, pois seu objetivo é causar impacto no campo econômico. Ao assumirem seu foco puramente no mercado (a partir da visão mercadológica e considerando a perspectiva da educação para o crescimento econômico), as instituições de ensino, desde a educação básica, vão deixando de lado a área da educação, pois, essa não levaria ao progresso da economia nacional e/ou ao sucesso pessoal (visão dos mercados). Isso justifica a elevada redução nos cursos de artes e humanidades nos currículos em todo o mundo, para a inserção de cursos técnicos. Nussbaum critica de modo enfático tal movimentação e afirma que:

[...] os educadores que defendem o crescimento econômico não se limitam a ignorar as artes: eles têm medo delas. Pois uma percepção refinada e desenvolvida é um inimigo especialmente perigoso da estupidez, e a estupidez moral é necessária para executar programas de desenvolvimento econômico que ignoram a desigualdade. (NUSSBAUM, 2015, p. 24).

No capítulo 3 – *Educar os cidadãos: os sentimentos morais (e antimorais)* – destaca-se a formação das crianças como futuros adultos constituídos por experiências socialmente construídas, como a “vergonha primitiva”, o nojo e o “nojo projetivo”, o “choque interior” e o “choque de civilizações”. Tais traços podem e devem ser combatidos, visando à reconstrução de uma sociedade mais humana. “Se a vergonha é uma reação praticamente universal à impotência humana, ela é muito mais acentuada nas pessoas que foram criadas acreditando no mito do controle total e não num ideal de necessidade mútua e interdependência” (NUSSBAUM, 2015, p. 40).

A escola possui um papel de relevância na desconstrução dessas experiências; do narcisismo, da insegurança e da impotência – no entanto, esse caminho precisa iniciar nas famílias e ser reforçado nas escolas. A autora ainda sugere sete lições que as escolas podem estar trabalhando para que construam cidadãos para uma democracia saudável, as quais são listadas de modo resumido (NUSSBAUM, 2015, p. 45-46):

- i - desenvolver a capacidade dos alunos de ver o mundo do ponto de vista dos outros;
- ii - ensinar posturas com relação à fragilidade e à impotência humanas que sugiram que a fragilidade não é algo vergonhoso e que precisar dos outros não significa ser fraco;
- iii - desenvolver a capacidade de se preocupar genuinamente com os outros;
- iv - combater a tendência de evitar os diversos tipos de minoria;
- v - ensinar coisas reais e verdadeiras a respeito de outros grupos;
- vi - promover o sentimento de responsabilidade; e
- vii - promover ativamente o raciocínio crítico.

Essa lista, segundo a autora, não é conclusiva, pois a “educação é para gente” e, portanto, um processo, em transformação.

O capítulo 4 – *Pedagogia socrática: a importância da argumentação* – discute a relevância da argumentação na educação como uma prática propulsora e construtora do ser humano. Sócrates é o autor de fundo desse capítulo, embora, Nussbaum estabeleça um diálogo intenso com autores de relevância no campo da educação, como Rousseau,

Pestalozzi, Froebel, Acott, Mann, Dewey e Tagore, autor que percorre toda a extensão da obra.

A autora ressalta o papel da argumentação para a formação humana e sua implicação na democracia, uma vez que todos são iguais perante a argumentação. “Em uma democracia, a pessoa adequada para se ter é aquela que está preparada para acompanhar uma argumentação em vez de números [...]” (NUSSBAUM, 2015, p. 51). Nussbaum não menciona em seu livro uma definição de democracia (embora ancore seu pensamento na social-democracia aristotélica), mas defende que um modelo de desenvolvimento humano comprometido com a democracia, uma vez que está preocupado com direitos fundamentais, com a dignidade humana, com oportunidades ou “capacidades” como: “[...] proteção da liberdade política; a liberdade de palavra, de associação e de prática religiosa; e direitos fundamentais em outras áreas como educação e saúde” (NUSSBAUM, 2015, p. 25).

A argumentação como uma prática social pode ser ensinada na escola. O que a escola precisa compreender é seu verdadeiro papel nesse processo e a relevância dessa prática na comunidade escolar, para a sociedade. Nussbaum encerra sua discussão nesse capítulo, alertando para o “colapso global socrático”, uma vez que as democracias estão subestimando e ignorando competências necessárias para o convívio coletivo e, assim, a manutenção da democracia.

No capítulo 5 – *Cidadãos do mundo* – são discutidas as bases conteudistas necessárias para a construção de uma cidadania global, para avançar as barreiras impostas por paradigmas e ideologias ultrapassados, mas que ainda persistem. A educação, nesse sentido, assume valor primordial ao equipar o cidadão do mundo de modo ético, moral, político, ambiental, social, econômico e cultural. O entendimento de cidadania da autora considera uma formação plural capaz de “[...] avaliar as provas históricas, de utilizar os princípios econômicos e de raciocinar criticamente a respeito deles, de avaliar relatos de justiça social, de falar um idioma estrangeiro, de compreender as complexidades das principais religiões do mundo” (NUSSBAUM, 2015, p. 93).

Nussbaum afirma que a o conteúdo curricular, com objetivo de formação de uma cidadania global, deveria ser constituído inicialmente com a aprendizagem da história social, econômica, política e filosófica, com o conhecimento sobre as culturas e religiões do mundo, uma abertura para o outro, para a diversidade. Ao final do capítulo, a autora questiona: será que a cidadania global realmente precisa das humanidades? Seus argumentos percorrem o poder de análise e crítica sobre o mundo, conquistas adquiridas

com uma formação humanista, capaz de fornecer verdadeiras avaliações, diferindo estereótipos e afirmações falsas das verdadeiras.

O capítulo 6 – *Cultivar a imaginação: a literatura e as artes* – foca a relevância da arte na democracia, ao atuar na formação da criatividade e da personalidade, da imaginação para a construção do sujeito, da literatura e do brincar. A autora utiliza diversas contribuições de Winnicott para a reflexão, ressaltando o papel do brincar como meio para uma convivência harmoniosa, o papel da arte na preservação e intensificação do espaço lúdico e para alimentar a capacidade de empatia, traço importante para a democracia e já ressaltado em capítulos anteriores.

O capítulo ainda enfatiza conceitos e valores como o “olhar interior”, a “imaginação narrativa”, o “Homo invisível”, importantes aplicações para uma cultura que busca humanizar o humano, por mais curioso que isso pareça.

No capítulo 7 e último – *A educação democrática na defensiva* – a discussão recai sobre a importância das humanidades na formação democrática de uma sociedade futura. Ao iniciar sua exposição, Nussbaum provoca: “como está se saindo a educação para a cidadania democrática no mundo de hoje? Creio que muito mal” (NUSSBAUM, 2015, p. 121).

Sem dúvidas a sociedade está em transformação e novos valores e competências vão assumindo seus lugares no campo interacional. Para a autora, “a palavra de ordem é ‘impacto’, e com ela o governo quer dizer, acima de tudo, impacto econômico” (NUSSBAUM, 2015, p. 129). Infelizmente, a pressão exercida pelo mercado leva a um “suicídio da alma”, resultado da continuidade do paradigma do modelo de desenvolvimento econômico, de uma pedagogia vazia, da morte do raciocínio crítico.

Nesse sentido, Nussbaum é enfática ao declarar que:

Ainda hoje afirmamos que gostamos da democracia e da autonomia, e também pensamos que gostamos da liberdade de palavra, do respeito à diversidade e da compreensão dos outros. Defendemos esses valores da boca para fora, mas pensamos muito pouco sobre o que é necessário fazer para transmiti-los à próxima geração e garantir sua sobrevivência. Entretidos com a busca da riqueza, pedimos cada vez mais que nossas escolas produzam geradores de lucro competentes em vez de cidadãos. Pressionados a cortar os custos, eliminamos justamente os elementos da atividade educacional que são cruciais para preservar uma sociedade saudável. (NUSSBAUM, 2015, p. 142).

Por fim, o capítulo reforça a importância das humanidades e das artes para a manutenção do sistema global (isto é, para a sobrevivência da democracia e,

consequentemente, da autonomia, da liberdade da palavra, do respeito à diversidade ... de uma sociedade global saudável), alertando para a necessidade de uma luta contínua contra a supremacia do lucro. Afinal, em primeiro momento, a arte e as humanidades não trazem lucros, são processos futuros e como exposto por Nussbaum, “elas só fazem o que é muito mais precioso do que isso: criam um mundo no qual vale a pena viver, pessoas que são capazes de enxergar os outros seres humanos como pessoas completas [...]” (NUSSBAUM, 2015, p. 143-144).

De modo pessoal e bem estruturado, Martha Nussbaum convida seu leitor para não apenas uma leitura, mas uma constante reflexão. Portanto, recomenda-se a leitura reflexiva para todos os profissionais da área das humanidades, para aqueles que estudam, pesquisam e vivem a luta diária contra a neutralização dessa região de encontro multicultural que são as humanidades. Manter a arte, a literatura, a educação, a política, a economia, e tantas outras áreas é essencial para a criação de uma atmosfera próspera e diversificada, interagindo com outras áreas e, assim, oportunizando e criação do novo. A leitura reflexiva também é indicada para aqueles que estão “fora” da área das humanidades e das artes, é um convite ainda mais especial, é uma oportunidade para aproximar o que a sociedade distanciou a formação humana em suas mais diversas competências.

Referência

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

Enviado em: 07/07/2020.

Aceito em: 15/10/2020.

Publicado em: 31/12/2020.